

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS

Volume III



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1981

RECENSÕES CRÍTICAS *

CANDIDO DOS SANTOS — **Os Jerónimos em Portugal. Das origens aos fins do século XVII.** Instituto Nacional de Investigação Científica (Textos de História — 3). Centro de História da Universidade do Porto, Porto, 1980. XXXVI + 367 págs.

O Prof. Doutor Cândido dos Santos nesta obra trata de um dos capítulos mais importantes da História da Cultura e da Igreja em Portugal. O papel desenvolvido pelos frades jeronimitas foi, de facto, notável a todos os títulos. Havia, por conseguinte, necessidade de estudar devidamente o assunto para podermos compreender melhor um aspecto tão relevante da nossa história.

O livro foi dividido nas seguintes partes: fontes, génese e afirmação da Ordem de S. Jerónimo, o «temporal», os Jerónimos e a Cultura, «uma espiritualidade Jerónima?» e os Jerónimos e a reforma dos mosteiros no tempo de D. João III. A terminar, vem uma conclusão, um apêndice documental e dois índices: o onomástico e o toponímico. Servindo-se das melhores fontes manuscritas existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, na Biblioteca Nacional de Lisboa, no Arquivo Distrital de Évora, na Biblioteca Pública de Évora, no Arquivo Distrital do Porto, na Biblioteca da Academia das Ciências, na Biblioteca da Ajuda, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, no Arquivo da mesma Universidade, no Arquivo Municipal de Coimbra, no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta de Guimarães, no Arquivo da Cúria Patriarcal de Lisboa, no Arquivo Distrital de Leiria, na Biblioteca Municipal de Sintra, no Arquivo da Sereníssima Casa de Bragança, na Biblioteca Pública Municipal de Viseu, no Arquivo do Ministério das Finanças, no Arquivo do Palácio do Oriente (Madrid), no Arquivo do Mosteiro de Santa Maria del Parral e no Archivo General de Simancas, o A. pôde elaborar um trabalho que se impõe pelo seu rigor e grande erudição. Também as fontes impressas e a bibliografia geral consultada se revestem de grande interesse para um estudo do género, bem como os mapas distribuídos ao longo da obra.

No capítulo dedicado à génese e afirmação da Ordem de S. Jerónimo em Portugal, Cândido dos Santos trata das suas origens e nascimento das estruturas do governo e dos efectivos: recrutamento das vocações, inquisição e estatutos de «limpeza de sangue». E aí se nos deparam dados excelentes sobre os inícios e a vida da Ordem.

O cap. II é consagrado ao «temporal». Nele aborda o A. a questão da propriedade eclesiástica e das leis de desamortização, da constituição dos patrimónios, da

* Por razões de ordem técnica, este volume da Revista sai com algum atraso em relação ao previsto, pelo que se incluem nele recensões de obras aparecidas já em 1982.

administração da propriedade fundiária e dos investimentos financeiros: padrões de juro. É uma parte rica de informações e estruturada com muita objectividade e precisão, em que o leitor fica a conhecer de perto a organização administrativa da Ordem.

«Os Jerónimos e a Cultura» é o assunto do cap. III. Os estudos na Ordem de S. Jerónimo, a figura de Fr. António de Beja, os Jerónimos e o Humanismo (Humanismo e Teologia no Mosteiro da Costa; Humanismo em Santa Cruz de Coimbra), a Contra-Reforma (Fr. Heitor Pinto), Fr. Miguel Soares e a Restauração, Fr. Cristóvão Godinho, a Carta ao Conde de Castelo Melhor, os Jerónimos professores de Teologia na Universidade de Coimbra -- eis os pontos focados nesta parte dedicada à Cultura. Por aí se vê o papel relevante que tiveram os frades de S. Jerónimo na evolução da Cultura em Portugal. Entre os professores da Universidade de Coimbra, contam-se Fr. Miguel Valentim, Fr. António de S. José, Fr. Cristóvão de Santa Maria, Fr. Luís da Purificação e Fr. Jerónimo de Barcelos, além de Fr. Heitor Pinto.

Quanto à espiritualidade jerónima (?), encontramos os seguintes aspectos focados pelo A.: o aparecimento dos Jerónimos e a «Devotio Moderna», coordenadas espirituais dos monges de S. Jerónimo, um mestre espiritual: Fr. Miguel de Valença, Fr. Álvaro de Torres («Diálogo Espiritual»), a parenética dos Jerónimos e a música e a liturgia.

O último capítulo é dedicado à reforma dos mosteiros no tempo de D. João III, em que são estudados os mosteiros no dealbar do século XVI, Fr. António de Lisboa no Convento de Tomar, Fr. Brás de Braga em Santa Cruz de Coimbra e Fr. Eusébio de Évora no Bispado do Algarve (estado moral e religioso). Este capítulo vem assim como que completar os anteriores na medida em que se pode apreciar o contributo valioso dado pelos jeronimitas na reforma dos mosteiros, o que significa que, quer na Cultura quer na Espiritualidade, o seu papel foi preponderante.

Na conclusão o A. fornece uma síntese do seu trabalho. Como escreve: «Os Jerónimos apareceram nos fins do século XIV, numa época de grave crise na Igreja e na sociedade. Quando o ofício divino estava, em geral, em descrédito, os filhos de S. Jerónimo fazem dele o centro da sua vida espiritual». Nunca tiveram grandes fundos patrimoniais e talvez por isso os Jerónimos portugueses não conheceram a praga dos comendatários. Mantiveram, por isso, reservas espirituais que lhes permitiram servir de fermento reformador, sobretudo na época de D. João III. O espírito da Ordem era de carácter contemplativo, com a vida religiosa centrada no Ofício e na Missa». «Por uma espécie de osmose espiritual, através da direcção das consciências, exerciam influências sobre o exterior». Quanto ao tipo de pessoas em que mais actuaram, conclui Cândido dos Santos que foi nos quadros da classe média e da pequena nobreza que mais se salientaram. A finalizar, o A. não deixa de apontar a falta de estudos congéneres, o que lhe trouxe não poucas dificuldades na elaboração do seu trabalho. Mas isso só valoriza a obra. E como muito bem diz: «Foi sempre com o sentido agudo da seriedade que deve informar todo o trabalho científico que tentámos resolvê-los» (refere-se aos problemas de ordem metodológica). Não restam quaisquer dúvidas que o livro que escreveu constitui um precioso contributo para a história e para a sociologia religiosa portuguesas, pelo que o seu labor é merecedor dos maiores aplausos.

MANUEL AUGUSTO RODRIGUES